

UM VASO DE CERÂMICA COMUM DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA

I. — Na sequência dos trabalhos de prospecção arqueológica levados a cabo na freguesia de Oledo, concelho de Idanha-a-Nova, no distrito de Castelo Branco, decorrente da recolha sistemática das informações que nos iam sendo facultadas, à medida em que progrediam as escavações na «villa» romana dos Barros¹, tivemos conhecimento da existência de materiais arqueológicos romanos na posse de particulares.

Os materiais haviam sido encontrados e recolhidos pelo senhor Joaquim Ferreira, residente naquela localidade, que, nas décadas de sessenta e setenta tinha sido rendeiro de uma propriedade denominada *Jardas*, sita na freguesia de Idanha-a-Nova (Fig. 1).

Pela descrição feita, os achados tiveram proveniência numa zona de necrópole, confirmada pela existência de terras com cinzas e carvões associadas aos materiais que chegavam à superfície, na maior parte dos casos, intactos. Apareceram assim *jarrinhas de vidro* (sic), vasos em cerâmica, uma *lamparina em metal* (sic), púcaros, bilhas e *tijelinhas de barro muito vermelho* (sic), com certeza em «terra sigillata».

Os materiais recolhidos foram sendo distribuídos por amigos e familiares, tornando-se difícil actualmente detectar o paradeiro de muitas dessas peças². No entanto, foi-nos ainda possível referenciar dois núcleos de materiais das *Jardas*: o primeiro, constituído por uma única peça, é o objecto do presente artigo; o segundo, formado por nove peças inteiras, em vidro, em cerâmica e em bronze (uma lucerna), encontra-se numa residência particular em Santarém, na posse de um descendente do autor dos achados³.

II. — O objecto em estudo, que constitui apenas uma parte muito reduzida de um espólio vasto, dificilmente recuperável, é uma malga em cerâmica comum (Fig. 2).

Utilizamos a designação *malga*, dado as suas características dominantes se virem filiar em definições anteriormente estabelecidas (NOLEN, 1985: 93). Apesar de, no referido trabalho, não se encontrar uma forma rigorosamente paralela, a descrição dos seus elementos formais permite enquadrá-la no «Tipo 1» proposto para esta forma de vasos, na tipologia estabelecida a partir de cerâmicas provenientes de necrópoles Alto Alentejanas (NOLEN, 1985: 94).

Trata-se de uma peça inteira, de fundo quase raso, apenas salientado por um pé em anel, boleado e muito reduzido, de paredes arqueadas e lábio arredondado. A pasta é de cor amarelo-claro, micácea, engobada a castanho escuro. A limpeza a que foi submetida danificou substancialmente toda a superfície do vaso, tendo-se procedido à quase total remoção da camada de engobe. Apresenta-se agora manchado, com profusão de sulcos mais ou menos profundos e extensos, provenientes de raspagens feitas possivelmente a escova, ou com recurso a materiais abrasivos⁴.

¹ Sobre a *villa* romana dos Barros, foi recentemente apresentada uma comunicação nas I^{as} Jornadas de Arqueologia da Beira Interior, realizadas em Maio de 1991, nos distritos de Castelo Branco e Guarda.

² Acerca deste assunto foi devidamente informado o então Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, em Janeiro de 1989.

³ O estudo destes materiais poderá realizar-se em breve, dado termos já o consentimento do seu proprietário.

⁴ É propriedade da senhora D. Maria do Rosário Ferreira Justino, residente em Oledo, a quem agradecemos a permissão para o estudo da peça.

Altura: 80 mm.

Diâmetro: 229 mm.

III. — O local do achado, as *Jardas*, constitui parte integrante da «Campanha da Idanha», vasta planura delimitada pelos cursos dos rios Ponsul e Aravil, geologicamente formada por arenitos do cenozoico. Localiza-se na margem esquerda do Ponsul, numa área cruzada por um conjunto de canais de irrigação, pertencente ao perímetro de rega criado pela barragem da Idanha. A abundância de água permite a existência de uma agricultura intensiva, sujeitando os solos a forte pressão e a revolvimentos profundos.

O senhor Joaquim Ferreira já era rendeiro da propriedade à data dos trabalhos de abertura dos canais; assistiu nessa altura, aos trabalhos de escavação realizados numas ruínas postas a descoberto pela obra, que foram orientados pelo Professor Doutor D. Fernando de Almeida.

A referência feita à existência de muros em alvenaria e de um *chão com desenhos* (sic), torna pertinente a localização nesta área, do achado do mosaico de Idanha (ALMEIDA, 1975: 219-220), dadas as referências existentes não serem de molde a esclarecer satisfatoriamente este assunto (ALARCÃO, 1988: 75. OLEIRO, 1984: 112).

Assim, é provável que as *Jardas* tenham constituído, no período romano, uma *villa rústica*, aflorada na zona habitacional pelos trabalhos breves de D. Fernando de Almeida, e cuja necrópole os trabalhos agrícolas se encarregaram de devassar.

Resta, em face dos fragmentos de informação disponíveis, prosseguir o trabalho, tanto no sentido do estudo do espólio arqueológico exumado, como, ao nível do terreno, proceder à localização precisa das zonas onde tiveram lugar as intervenções, integrando-as no projecto de Carta Arqueológica em curso.

Rogério Carvalho

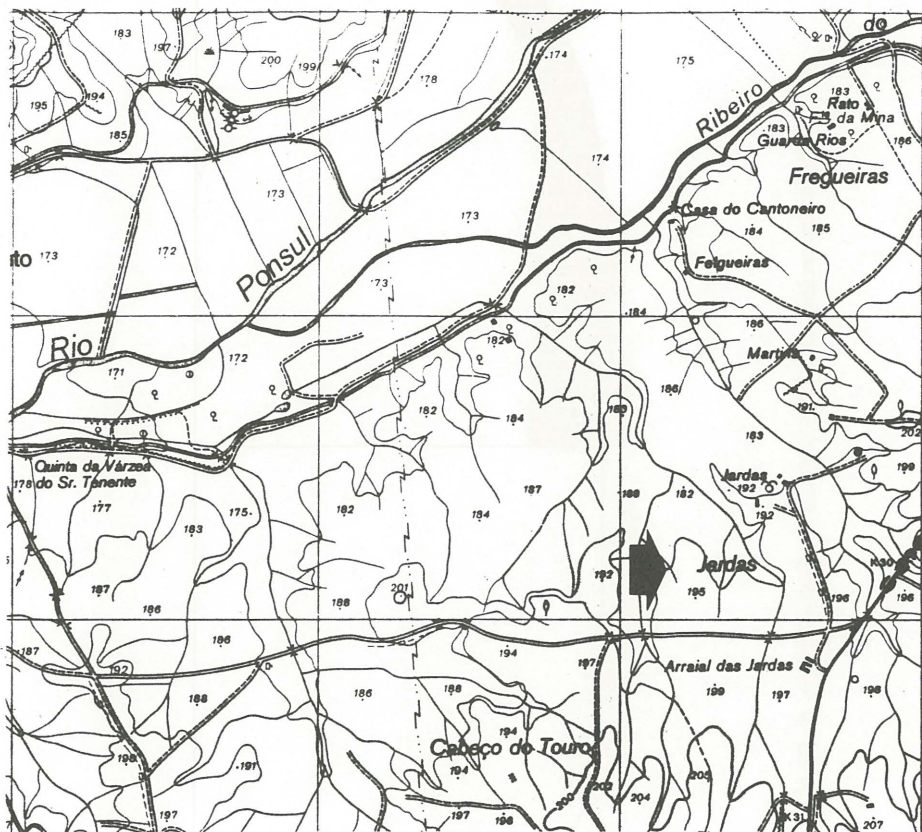
BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1988), *Roman Portugal*, vol. II, Gazetteer, fasc. 1, Warminster.

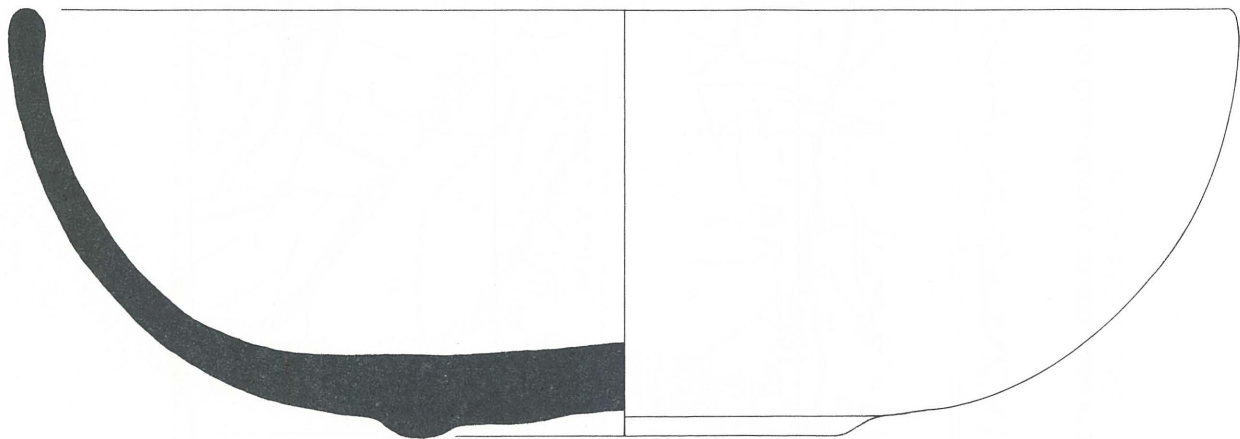
ALMEIDA, Fernando (1975), «Sur quelques mosaïques du Portugal», *La mosaïque Greco-Romaine*, II, Paris.

NOLEN, Jeannette U. Smit (1985), *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa.

OLEIRO, J. Bairrão (1986), «Mosaico Romano», *História da Arte em Portugal*, vol. I, Lisboa.



Fotocópia da Carta Militar 1: 25.000, folha nº 281, Idanha-a-Nova,
ed. 2 – S.C.E.P, 1973.



Quinta da Várzea



Malga em cerâmica comum (deseno de José Augusto A. Dias).